

Dívida: bancos reclamam, mas dizem que não pressionam.

Calma nos bancos credores do Brasil, um dia após o vencimento dos créditos interbancários de curto prazo, que totalizam US\$ 15 bilhões. A garantia foi dada ontem por um dos membros do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, ao falar à UPI: "Temos falado com as sucursais dos bancos brasileiros, mas não existem pressões. Nada fora do normal".

Mas alguns bancos, pequenos e médios, reclamaram o pagamento de seus créditos: "Um ou dois o fizeram, mas as somas não são grandes, apenas alguns milhões", disse o membro do comitê, que pediu o anonimato. "Como é de hábito, os bancos brasileiros depositaram o dinheiro no Banco Central, que abrirá uma conta em dólares em nome dos credores", explicou. Esse foi naturalmente um dos motivos pelos quais, apesar das queixas, nenhum banco fez cancelamentos de vulto nos créditos interbancários de curto prazo para o País. E tudo indica que a maioria das instituições de crédito prefere conceder a prorrogação de 60 dias que o País pediu.

Enquanto isso, a palavra de ordem parece ser a negociação, como a que o presidente do Banco Central, Francisco Gros, terá dia 10 próximo com o comitê de bancos credores. É uma reunião importante, disse o membro do comitê, "pois teremos de examinar não só o problema dos créditos de curto e médio prazo mas também os vencimentos da dívida de médio e longo prazo. Além disso iremos examinar o que fazer com o convênio de facilidades de depósito, que vence a 15 de abril. Por meio desse convênio os bancos devedores depositavam no Banco Central suas dívidas em cruzados e o BC abria contas em dólares. Ali estão depositados os vencimentos de 1986 e alguns de 1985. Cálculo que o Brasil pedirá uma prorrogação".

Das negociações do dia 10 participarão Gros, outros altos funcionários do Banco Central e membros do governo federal, informou William Rhodes, presidente do comitê de 14 bancos. No comunicado que distribuiu, disse prever que "os representantes brasileiros discutirão os planos econômicos do Brasil".

Mais bancos elevam a *prime-rate*

Seguindo o exemplo do Citybank e do Chase Manhattan, mais quatro bancos dos EUA elevaram ontem em 0,25% sua *prime-rate* (taxa cobrada aos clientes preferenciais).

Os bancos são: Chemical Bank, Manufactures Hanover, Irving Trust e Marine Midland. Agora, eles cobram 7,75% ao ano em seus empréstimos.